



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXIX SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS **SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2025**

A trajetória e a influência das autoras negras brasileiras na educação (acadêmica ou social) de outras mulheres negras ao decorrer da história no Brasil

Julliane Santana da França¹; Juciane dos Reis Santana²

1.Julliane Santana da França, PROBIC/UEFS, LETRAS-PORTUGUES E FRANCÊS, e-mail: sujuwinne@gmail.com

2.Juciane dos Reis Santana, DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO, e-mail: jrsantana@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Autoras negras; Trajetórias.

INTRODUÇÃO

Por muito tempo, a educação foi pensada seguindo padrões eurocêntricos, valorizando conhecimentos matemáticos, das ciências biológicas e línguas consideradas francas. Prosseguimos durante a história, ignorando e marginalizando saberes ancestrais e suas influências no social, percebendo-os apenas quando eles eram usurpados e validados pela elite intelectual eurocêntrica, sem que as origens e os devidos créditos fossem atribuídos. Assim, recebemos essas influências, muitas vezes, de formas imperceptíveis, de nossos ancestrais, para construir identidades, comportamentos, valores e identificar nosso lugar no mundo e onde queremos chegar. Sendo assim, esta pesquisa teve como principal objetivo identificar a influência de mulheres negras dentro da literatura brasileira quanto à educação e à formação de outras mulheres negras colhendo os resultados de ações significativas através de suas obras. Partindo desse pressuposto, em seu livro *Pedagogia das encruzilhadas* (2020), Luiz Rufino debate como os saberes ancestrais são necessários para a formação do *ser* e como podemos utilizá-los para convidar o outro a sair do cerco eurocêntrico que nos colocaram. Trabalhando a partir dos *corpora* de autoras negras brasileiras, buscamos evidenciar suas trajetórias e obras, a fim de atribuir-lhes os devidos créditos. Este trabalho tem como base as sujeitas Maria Firmina dos Reis (2018), Carolina Maria de Jesus (1982) e Olívia Pilar (2023), com o principal objetivo de analisar a influência desses *corpora* para a educação formal e informal ao decorrer da história, principalmente para as comunidades locais e outras mulheres negras.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

Esta pesquisa foi baseada em uma metodologia de base qualitativa, de natureza bibliográfica e documental, na qual analisamos as obras *Úrsula* (2018) de Maria Firmino dos Reis, *O diário de Bitita* (1982), de Carolina Maria de Jesus, e *Um traço até você* (2023), de Olívia Pilar. O contexto histórico referente a cada uma e as suas influências dentro e fora de seus respectivos contextos, trouxeram para debate suas realidades, formações acadêmicas e relações interpessoais no tocante a outras mulheres distintas de suas realidades. Adjunto à análise, baseada em teóricos na área da literatura,

psicanálise, pedagogia e história, foi possível gerar compreensão e redimensionamento dos objetivos iniciais da pesquisa, focalizando na leitura comentada das obras supracitadas.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

Quando Maria Firmina dos Reis publica *Úrsula*, ela já possuía algumas publicações de poemas em jornais locais. Uma realidade diferenciada de outras mulheres negras, provavelmente, graças à influência da parte branca de sua família paterna e seu parentesco por parte de mãe com o escritor Sotero dos Reis. Fazendo bom uso disso, impactou em sua época tanto com seus textos quanto com suas obras. Com a fundação de sua escola mista em 1880, Maria Firmina, mesmo que por poucos anos, foi pioneira na busca por igualdade de gênero nas escolas. Em sua obra *Úrsula*, um romance com heranças claras dos clássicos literários ocidentais, baseando-se em histórias como Tristão e Isolda, Romeu e Julieta, Hamlet, entre outras, as características principais do romantismo estão presentes nos pontos principais pelos quais ela luta por meio da literatura. O que torna a obra de Maria Firmina extremamente única, excepcional e importante, não apenas no contexto brasileiro, mas ocidental, é a retratação humanizada do negro nas Américas escravocrata. Necessária para a história do nosso país e para o estudo da literatura, principalmente em relação a crítica à ideia de posse de um ser sobre o outro, a autora construiu a sua própria narrativa buscando impulsionar o país e as suas diversas realidades no movimento contrário das concepções dominadoras e coloniais. Em sua obra, *O diário de Bitita*, Carolina Maria de Jesus registra como foi sua formação acadêmica e identitária. Sendo resultado de uma educação de apenas dois anos - tempo semelhante à duração da escola de Maria Firmina, décadas antes - Carolina Maria não teve como se apoiar unicamente na escolarização para se tornar a autora que conhecemos. O seu avô foi a sua ponte principal para o incentivo ao desenvolvimento de sua intelectualidade, mesmo que não tivessem oportunidades de seguir pelo meio acadêmico. Apenas pelo ato de humanização desses corpos, ela vai de encontro com as perspectivas e estereótipos que a branquitude colocou nas mulheres negras. E ao fazer isso, Carolina Maria de Jesus se coloca, junto com a sua obra, como um incômodo ao colonialismo. Mesmo que, dentro daquele contexto, as relações não fossem as ideais, Carolina Maria foi responsável por humanizá-los diante dos olhos da sociedade, evidenciando a voz dos corpos marginalizados, para que pudessem contar suas histórias de vida. Seguindo para uma obra atual, com uma autora que ainda não foi abraçada pelo cânone, Olívia Pilar é uma autora negra mineira que tem em seu currículo obras classificadas como Literatura *Young Adult* (YA) ou Jovens-Adultos, dedicadas a um público-alvo entre 14 e 25 anos. Essa nova linha, surge direcionada a um público no qual não se pensava escrever *para* e nem *sobre*, já que “nossa sociedade, via de regra, rotula os jovens de formas pejorativas, porque em nosso sistema cultural de educação (familiar e formal) a oposição, a rebeldia, a resistência, não são vistas com bons olhos” (Bortoluzi, 2022, p. 55). Assim, um dos maiores impactos de seu livro é a proximidade com a realidade de muitos jovens negros que vivem como a primeira geração de pais que conseguiram ingressar na faculdade ou tiveram sucesso profissional e enfrentam um tipo de racismo diferente do que aparece na mídia e que não é completamente velado, sendo resultado de um discurso de “Eu aceito o negro, desde

que ela mascare sua negritude”, modificando seu cabelo, nariz, corpo etc. Os efeitos psicossociais desse tipo de racismo se dão principalmente no campo do mental, de prejudicar a autoestima e incapacitar o outro. Sendo uma importante retratação da realidade de muitos do nosso país, que vivem pelo menos como um dos personagens da narrativa, a obra apresenta-se enquanto a possibilidade de percepção também das diversas relações interpessoais com pessoas brancas ou outras pessoas negras, quanto a construir caminhos mais acolhedores para a construção das identidades negras, principalmente, de jovens mulheres negras, nas diversas realidades do nosso país, tendo a educação como base para evoluirmos não apenas socialmente, mas também de forma humanista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

Como crescemos em meio a um bombardeio de informações e comportamentos que criminalizam, demonizam e desumanizam a existência dos corpos negros, principalmente das mulheres, faz-se essencial que mulheres como as que trouxemos nesse estudo sejam celebradas por dedicarem suas obras ao fortalecimento da existência de outras mulheres negras, partindo de suas próprias vivências, colaborando para a construção das identidades de corpos de mulheres negras conscientes de sua negritude e de tudo o que a envolve. A representação é muito mais do que ver o parecido nos lugares, parte da construção de modelos de quão longe nossos corpos podem ir mesmo com os percalços pelo caminho. É a valorização do nosso ser e o acalento ao mostrarem que não estamos sozinhos nesse mundo e que ao mesmo tempo que nos colocam amontoados em espaços minúsculos de padronizações idealizadas pela branquitude, nos isolam para que não possamos fortalecer nosso corpos dentro de uma comunidade baseada na valorização e exaltação das identidades negras. Sendo assim, “escrever os livros que se deseja ler significa ser seu próprio modelo” (Walker, 2021, p. 26). Dentro desse estado social de opressão e isolamento dos corpos negros femininos, para que eles sejam pouco a pouco apagados dentro da branquitude - de forma literal ou simbólica -, mulheres como Firmina Maria dos Reis, Carolina Maria de Jesus e Olívia Pilar são essenciais para a construção da identidade negra dentro e fora da academia, fortalecendo através da literatura, os laços construídos com nossas *irmãs*, incentivando que escrevamos nas mesmas nossas próprias histórias. Conforme diz Alice Walker: “Nós herdamos também uma grande responsabilidade, pois devemos dar voz a séculos não apenas de amargura e ódio silenciosos, mas também de vizinhança gentil e amor substancial” (Walker, 2021, p. 44).

REFERÊNCIAS

- BORTOLUZI, Jemima Stetner Almeida Ferreira. Literatura jovem adulta: que gênero é esse?. **Revista 15 de outubro**, Campina Grande, v. 1, n. 1, p. 52–64, 2022. Disponível em: <https://revistas.editora.ufcg.edu.br/index.php/r15o/article/view/319>. Acesso em: 7 ago. 2025.
- JESUS, Carolina Maria de. **O Diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Ática 1960.
- PILAR, Olívia. **Um traço até você**. ed.1. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2023.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

WALKER, Alice. **Em busca dos jardins de nossas mães**: prosa mulherista. trad. Stephanie Borges. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.